QUE PAÍS SOU EU?

*Uma telenovela corrosiva de 1989 ajuda a explicar o Brasil de hoje*

*por Maurício Sellmann*

Em 1989, o Brasil vivia os últimos anos de um plano econômico fracassado, denúncias de corrupção constantes (agora que a imprensa podia divulgá-los livremente), a criação de uma constituição democrática, inflação galopante e [*Marimbondos de Fogo*](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Marimbondos_de_Fogo). *E*xperimentava a sua primeira eleição direta depois de 20 anos de ditadura militar e mais alguns trocados. Dois nomes associados à campanha das Diretas Já (Ulysses Guimarães e Lula) acabaram preteridos em favor de um novato que prometia acabar a corrupção – o que lhe garantiu a alcunha de “caçador de marajás” – e fazer o país do futuro efetivamente alcançar o futuro. Mas, esperem, este é só o início da novela.

Fernando Color de Mello não era exatamente um vira-latas: vinha de uma linhagem de políticos, filho de Arnon Afonso Farias de Mello e neto do senhor de engenho Manuel Afonso de Melo. Arnon Melo passaria à história por ter tentado, como senador, assassinar um inimigo político, Silvestre Péricles, no plenário do Senado Federal em 1963. Errou o tiro e matou José Kairala, que não tinha nada a ver com a história. Voltando a Fernando, ele se elegeu, congelou contas de poupança num plano econômico de improviso, reagiu autoritariamente à imprensa que [ajudou a elegê-lo](https://youtu.be/ZEP4bNYxKZk?t=1h20m), foi envolvido num esquema da corrupção que prometera combater e acabou renunciando para não sofrer processo de impeachment.

Paralelamente à campanha eleitoral de 1989, a Rede Globo exibia uma outra novela, sobre Avilan, um reino do século XVIII acossado por corrupção e uma rainha louca, cujos conselheiros transformam um mendigo em rei. O novo regente mostra-se mais realista que seus manipuladores e vira um déspota autoritário, até que o povo se rebela e bota no trono um novo rei.

Como você já percebeu, não era exatamente *outra* novela. [*Que Rei Sou Eu?*](https://youtu.be/ms_n13WLRgE)(fevereiro a setembro de 1989) foi concebida pelo veterano Cassiano Gabus Mendes – em colaboração com Luís Carlos Fusco e Solange Castro Neves – como uma sátira ao Brasil d’antanho. Os conselheiros reais eram quase todos venais, a rainha falava com uma dicção afetada, a moeda do reino mudava de nome – de caduco para duca – perdendo zeros, e tudo acabava literalmente em [samba](https://youtu.be/vOOxkuIpaMI?t=3m25s). Ah, e John Herbert interpretava um conselheiro puxa-saco com o sugestivo nome de Bidet Lambert.

O sucesso da novela, uma ambiciosa aposta em mudança de linguagem para uma novela do horário das sete, tinha pedigree literário. Bebia da fórmula já testada por dramaturgos gregos, Jonathan Swift (*As Viagens de Gulliver*), George Orwell (*A Revolução dos Bichos*)e Lima Barreto (*Triste Fim de Policarpo Quaresma*), entre outros, de usar o humor e a fantasia para dissecar o ridículo do presente.

Além disso, *Que Rei Sou Eu?*, por presciência ou porque a história do Brasil não se emenda, acabou prevendo os eventos da Era Collor. O novo rei salvador não passava de um rufião como tantos outros por trás de seu discurso moralizador, forçando o povo a ir às ruas para provocar sua queda.

Corta para 2016. Fernando Collor é senador por Alagoas. Após um período de crescimento econômico, o Brasil enfrenta grave crise econômica, políticos camicases e uma mandatária paralisada no meio do tiroteio. As políticas sociais que tiraram milhões da miséria começam a ser revertidas, pois amparadas em uma [base de consumo](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120305_entrevista_ricupero_jf.shtml) e [geração de empregos precários](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/179960-expansao-na-base-reduz-abismo-social-mas-limita-economia.shtml). Após 13 anos de um governo que prometeu mudanças sociais significativas, uma devastadora investigação de corrupção implica praticamente toda a nata política e empresarial do país. Não sobrou nem a nata dos pastéis do [Habib’s](http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/12/1561987-habibs-e-investigado-sob-suspeita-de-sonegacao-fiscal.shtml). Descobre-se que a empresa por onde passava praticamente toda a economia do país – cujo maior produto é, ainda depois de séculos, *commodities* – aloja um esquema de propinas e desvio de dinheiro, pelo menos, [desde](http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/operador-do-pmdb-diz-a-pf-que-doleiro-pediu-doacoes-de-campanha/) o governo do segundo presidente eleito após 1984, Fernando Henrique Cardoso. E os que vieram depois, dizendo-se de esquerda e de mudanças, também incorreram nas mesmas práticas. Mais rainha Valentine (Tereza Rachel) e rei Petrus III (Tato Gabus Mendes), impossível.

Quais serão as cenas dos próximos capítulos? Talvez *Que Rei Sou Eu?* possa nos ajudar.

No último capítulo – sim, eu [não me importo](http://revistasalsaparrilha.com/2015/04/26/todos-os-spoilers-do-mundo/) com *spoilers* –, os cidadãos de Avila celebram a morte do déspota Petrus III e a ascensão de seu salvador, Jean-Pierre (Edson Celulari) ao trono. O novo rei proclama que ninguém “vai mais explorar o trabalho do pobre”, aos gritos de júbilo, que quebram a quarta parede (“Viva o Brasil!”). Ocorre que o novo rei, como todo bom monarca, pode ser um bastardo, mas também é filho do rei anterior. Complicando as coisas, uma velha eminência parda dos velhos tempos volta ao reino com nova identidade para oferecer seus serviços ao novo rei. Seu nome: Richelieu Rasputin Golbery. E a história se repete.

Enquanto isso, na vida real, um ex-presidente sob investigação acaba de ser nomeado Ministro da Casa Civil. Seu papel, segundo [o jornalista Renato Rovai](http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2016/03/16/lula-nao-sera-um-ministro-de-dilma-mas-o-1-ministro-ele-governara/), não vai ser “cuidar de defender Dilma do impeachment. Ele vai governar”. Ou seja, na prática, ele tornou-se o novo mandatário. Para aqueles que veem no carismático ex-operário uma figura messiânica, ele passou a ser um fazedor de milagres. Será Lula o novo Jean-Pierre? Ou o salvador estará entre os políticos do PMDB, que saltam fora do barco a pique para apoiar o impeachment da presidente? Ou estará o novo herói entre os políticos da velha guarda, que, [aliados a uma autoproclamada nova geração](http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/lideres-de-movimentos-pro-impeachment-decidem-se-filiar-a-partidos-e-vao-se-candidatar-este-ano-854wgs9nlxq48230hdk5yvrw0), saíram às ruas junto com os milhões que marcharam por mudança?

(Vale lembrar que a aparente nova era de combate à corrupção não chegou aos estados que desviam dinheiro de escolas, metrôs, obras de saneamento, e negligenciam políticas de saneamento e segurança pública.)

Na atualidade do texto e da encenação de *Que Rei Sou Eu?*, gargalhamos com a [famosa frase](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%ADs_Bonaparte) de Karl Marx na cabeça:

“Hegel comenta em algum lugar que todos os grande fatos e personagens históricos mundiais aparecem, por assim dizer, duas vezes. Ele esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.”

E a terceira, e a quarta, e a quinta…

Viva o Brasil!

*Mauricio Sellmann é doutor em estudos culturais latino-americanos pela Universidade de Manchester (Grã-Bretanha).*

*Este artigo foi publicado originalmente na* [*Revista Salsaparrilha*](http://revistasalsaparrilha.com)*.*